



Boletim Conjuntural Semana 41/2026 – 08 de outubro de 2026

FEIJÃO	2
SOJA	2
FRUTICULTURA - PÊSSEGO.....	3
BOVINOS	4
FRANGOS	4
SUÍNOS	6

A presente edição do Boletim Conjuntural traz um panorama atualizado sobre o ritmo do agronegócio, abordando o andamento do plantio das safras de verão, o cenário histórico da fruticultura e os dados mais recentes de abates no setor de proteína animal.

No campo, o plantio da safra 2026/27 de soja alcançou 36% da área prevista, com desenvolvimento favorável impulsionado pela boa umidade, apesar de interrupções pontuais causadas pelas chuvas. Já a primeira safra de feijão ultrapassou a metade da área projetada, operando em ritmo mais lento e com redução de área, mesmo diante de uma recente alta nos preços pagos ao produtor.

Na fruticultura, o balanço da produção de pêssigo reflete os desafios enfrentados pelo setor na última década. Impactada por anomalias climáticas, a

cultura registrou quedas significativas em área e volume, mantendo sua exploração fortemente concentrada nos municípios da região de Curitiba.

Na pecuária de corte, o mercado bovino é marcado por altas consecutivas nos preços da arroba. O cenário de valorização é sustentado pela menor oferta de animais terminados em confinamento e pelas boas perspectivas de exportação, impulsionadas pela expectativa de retomada das compras chinesas.

Por fim, o segmento de proteína animal celebra resultados expressivos no primeiro semestre de 2026. Dados do IBGE confirmam recordes históricos no abate de frangos e um crescimento sólido na produção de suínos, reafirmando o protagonismo da Região Sul no setor e a liderança isolada do Paraná na avicultura nacional.

Boa leitura!



FEIJÃO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

O plantio da primeira safra de feijão passou da metade da área projetada para a primeira safra paranaense. A expectativa é que, ao final dos trabalhos, a área semeada seja de 88,3 mil hectares, representando um recuo de 14% ante os 102,2 mil hectares colhidos na safra de verão 25/26. Mesmo ocupando uma área menor, os trabalhos ocorrem de forma mais lenta que no ciclo anterior, em função das dificuldades impostas pelas chuvas que têm dado poucas tréguas no estado. Neste mesmo momento no ano anterior, o plantio atingia 62% da área, enquanto neste ciclo os trabalhos atingiram 52%. As lavouras estão com um desenvolvimento inicial satisfatório, com apenas 3% da área semeada já apresentando flores. A expectativa é de que a colheita se intensifique apenas no início do próximo ano, apesar de as lavouras mais precoces serem colhidas ainda em dezembro.

Com o período de entressafra no estado e a expectativa de uma oferta menor que a do ano anterior na colheita, os preços médios recebidos pelos produtores em setembro reagiram, apresentando 12% de alta para o feijão carioca e 8% para o feijão

preto. No acumulado de 12 meses, a alta de ambos fica ao redor de 60%. No entanto, a recente alta deve ter pouca influência na intenção de plantio, tendo em vista que os produtores já se programaram e o feijão costuma ser uma aposta de maior risco frente à soja e ao milho. Além das questões de mercado, o feijão é uma cultura especialmente sensível às intempéries climáticas. Com a presença do El Niño, as maiores regiões produtoras registram grande disponibilidade hídrica, e a tendência é de que as chuvas continuem acima da média no Sudoeste e Sul paranaense. Se por um lado o aumento das precipitações assegurou um bom estabelecimento inicial, a intensidade do fenômeno também pode favorecer doenças, aumentar a nebulosidade e gerar germinação de grãos nas vagens no momento da colheita.

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O plantio da safra 2026/27 de soja avançou nesta semana e já alcança 36% da área prevista para o Estado. O ritmo dos trabalhos segue dentro do esperado para o período e ligeiramente acima da média das últimas safras. De maneira geral, as



Boletim Conjuntural Semana 41/2026 – 08 de outubro de 2026

condições das lavouras são consideradas boas. A umidade do solo tem favorecido a germinação e o desenvolvimento inicial das plantas nas áreas já implantadas

As chuvas registradas nos últimos dias, porém, têm provocado alguns problemas pontuais para o andamento do plantio. Em algumas regiões, o excesso de umidade reduz as janelas disponíveis para a entrada das máquinas nas lavouras. As precipitações também podem dificultar a realização dos tratos culturais, especialmente em áreas que necessitam de manejo neste momento.

Apesar dessas dificuldades pontuais, as condições gerais permanecem favoráveis e, até o momento, não há alterações significativas nas perspectivas para a safra.

No mercado, nesta semana, observou-se uma queda nos preços comparativamente à semana anterior. Em grande parte, é reflexo da valorização do real frente ao dólar ocorrida após o primeiro turno das eleições.

FRUTICULTURA - PÊSSEGO

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

O Pêssego foi explorado em 659,0 hectares (ha) no ano de 2025 no Paraná e proporcionaram colheitas de 7,1 mil toneladas (t.), gerando um Valor Bruto da Produção (VBP) preliminar de R\$ 42,0 milhões. Sendo responsável por 1,2% da área, 0,5% do volume produzido e 1,0% do VBP da Fruticultura do estado. (FRUTI/PR 2025: 56,2 mil ha; 1,5 milhão de t e R\$ 4,3 bilhões)

De 2016 a 2025 houve uma queda acentuada de 34,1% na área, 38,6% produção e 29,6% no VBP real deflacionado, fortemente influenciada pelas anomalias climáticas, desde estiagens na floração a geadas tardias na formação dos frutos, bem como granizo nos frutos a colher, inviabilizando ou reduzindo os rendimentos na comercialização.

A atividade está distribuída em 165 municípios, sendo concentrada na região de Curitiba, que responde por 31,7% da área e 41,1% das colheitas e do VBP.

Próximos a capital os municípios de Campo Largo, Lapa e Araucária, com 12,4%, 10,1%, e 9,2%, na ordem de participação nos volumes colhidos, figuram



Boletim Conjuntural Semana 41/2026 – 08 de outubro de 2026

como os principais municípios que exploram a fruta no estado.

Em 2025 foram comercializadas 9,2 mil t. de Pêssego nas Centrais de Abastecimento do Paraná – Ceasa's/PR; gerando uma movimentação financeira de R\$ 72,9 milhões, sendo o Rio Grande do Sul o primeiro ofertante e participa com 44,7% destes volumes (4,7 mil t), secundado pelo pêssego paranaense com 27,2% das quantidades (2,5 mil t), seguido de Santa Catarina cujas 2,1 mil t responderam por 22,9%, que somados alçam 94,9% do total transacionado.

Em relação aos preços, em 2025 os persicutores receberam R\$ 6,54/kg enquanto no varejo preço médio se estabeleceu em R\$ 16,32/kg e nas Ceasas/PR a cotação média anual foi de R\$ 7,87/kg. Ontem 07/10 o pêssego nacional o preço mais comum praticado foi de R\$ 9,71/kg.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Segundo a análise quinzenal do Cepea, setembro foi marcado por altas consecutivas nos preços ao longo da cadeia pecuária, após a volatilidade observada em agosto. O movimento esteve

associado à menor oferta de animais terminados em confinamento prontos para o abate no período de entressafra, à melhora dos volumes exportados em relação ao mês anterior e às expectativas de retomada das compras chinesas. Atualmente a arroba está cotada a R\$ 373 na B3.

Como a sobretaxa incide sobre a mercadoria que chega aos portos chineses após o esgotamento da cota e o transporte marítimo leva ao menos 45 dias, espera-se que em meados de novembro os embarques brasileiros já entrem na cota de 2027. Isso limita os efeitos do preenchimento da cota, ajudando a sustentar os preços em patamares elevados no mercado interno.

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 15 de setembro, o abate nacional de frangos de corte alcançou 3,395 bilhões de cabeças no primeiro semestre de 2026. O volume representa uma alta de 3,2% em relação ao mesmo período do ano



Boletim Conjuntural Semana 41/2026 – 08 de outubro de 2026

anterior (3,288 bilhões de aves). Esse avanço refletiu-se na produção total de carne entre janeiro e junho, que somou 7,473 milhões de toneladas — um crescimento de 6% frente às 7,051 milhões de toneladas registradas na primeira metade de 2025.

No segundo trimestre de 2026, o abate atingiu 1,690 bilhão de cabeças. Embora represente uma ligeira retração de 1,2% na comparação com os três meses imediatamente anteriores, o valor é 2,8% superior ao do segundo trimestre de 2025. Esse desempenho garantiu um recorde histórico para o período, impulsionado sobretudo pelos resultados de junho: com 568,51 milhões de cabeças abatidas, o mês obteve o maior registro da série, ficando 8,2% acima do apurado em junho do ano anterior.

O acréscimo de 46,46 milhões de cabeças no segundo trimestre foi puxado pela expansão do setor em 17 das 26 Unidades da Federação pesquisadas. Entre os estados com mais de 1% de participação nacional, os aumentos mais expressivos ocorreram no Paraná (+31,22 milhões de cabeças), São Paulo (+9,31 milhões), Goiás (+5,13 milhões), Bahia (+2,86 milhões) e

Rio Grande do Sul (+2,74 milhões). Na contramão, Santa Catarina teve a retração mais significativa, com uma queda de 3,32 milhões de aves em relação ao segundo trimestre de 2025.

No consolidado do semestre, a alta nacional de 106,35 milhões de cabeças concentrou-se nos principais polos avícolas. A Região Sul manteve sua hegemonia, respondendo por 59,7% do total de aves abatidas e por 58,7% do volume de carne produzida (4,390 milhões de toneladas). No ranking estadual de abates, o Paraná lidera com ampla margem (35%), seguido por Santa Catarina (13,1%), São Paulo (11,6%) e Rio Grande do Sul (11,3%).

Reafirmando sua liderança, o Paraná abateu 1,188 bilhão de aves no semestre — um crescimento de 4,9% sobre o 1,132 bilhão do mesmo período de 2025 (aumento absoluto de 24,74 milhões de aves). O avanço foi ainda mais acentuado na produção de carne, que atingiu 2,688 milhões de toneladas de janeiro a junho, alta de 8,4% frente às 2,480 milhões de toneladas do ano anterior. O resultado demonstra um ganho relevante no peso médio e no rendimento das carcaças no estado, que concentrou, sozinho, 36% de toda a carne de frango produzida no Brasil.



Ainda na Região Sul, Santa Catarina (segundo maior produtor nacional) teve redução de 1,5% nos abates semestrais, somando 447,163 milhões de unidades (3,329 milhões a menos que no primeiro semestre de 2025). Contudo, apesar do menor número de animais, o volume de carne catarinense teve uma leve alta de 1,4%, totalizando 956,565 mil toneladas. Já o Rio Grande do Sul apresentou crescimento em ambas as métricas: o abate subiu 4,1% (chegando a 391,514 milhões de unidades), e a produção de carne saltou 9,1%, alcançando 744,687 mil toneladas nos seis primeiros meses do ano.

Os dados integram a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais do IBGE, que mensura o total de cabeças abatidas e o peso das carcaças sob fiscalização sanitária (municipal, estadual ou federal). No segundo trimestre de 2026, o levantamento nacional baseou-se em informações de 311 estabelecimentos, sendo 46 deles localizados no Paraná.

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com a Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em setembro de 2026, o abate nacional de suínos alcançou aproximadamente 31 milhões de cabeças no primeiro semestre do ano. O volume representa uma alta de 4,8% em relação ao mesmo período de 2025 (29,572 milhões), com um acréscimo de 1,428 milhão de animais. Consequentemente, a produção total de carne suína no país entre janeiro e junho atingiu a marca de 2,931 milhões de toneladas — um avanço de 6,4% frente ao primeiro semestre do ano anterior (2,755 milhões), o que equivale a um ganho de 175,812 mil toneladas.

Apenas no segundo trimestre de 2026, o abate somou 15,697 milhões de cabeças, um aumento de 4% na comparação anual (15,094 milhões) e de 2,6% frente aos três meses imediatamente anteriores (15,303 milhões). O peso acumulado das carcaças no período foi de 1,503 milhão de toneladas, crescendo 5,7% em relação ao



Boletim Conjuntural Semana 41/2026 – 08 de outubro de 2026

mesmo trimestre de 2025 e 5,3% sobre o primeiro trimestre deste ano. Paralelamente, houve um incremento no peso médio das carcaças, que passou de 93,16 quilos no primeiro semestre de 2025 para 94,52 quilos em 2026. Esse ganho sugere uma retenção prolongada dos animais nas granjas antes do envio para o abate.

A Região Sul manteve seu protagonismo absoluto na suinocultura nacional. Juntos, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul responderam por 66,6% dos abates no país (20,659 milhões de cabeças) e por 67,2% de todo o volume de carne produzida (1,969 milhão de toneladas).

No ranking estadual, Santa Catarina lidera o setor com 27,8% de participação: abateu 8,621 milhões de cabeças no semestre (+2,4%), gerando 813,027 mil toneladas de carne (+3,1%). O Paraná ocupou a segunda posição, com fatias de 21% nos abates e 21,3% na produção de carne. O estado paranaense registrou 6,501 milhões de cabeças abatidas (+1,6% frente às 6,397 milhões de 2025) e produziu 623,641 mil toneladas de carne (+1,8% sobre as 612,444 mil toneladas do ano anterior). O Rio Grande do Sul, terceiro colocado com 17,9% do total nacional, abateu 5,537 milhões de animais (+4,9%) e produziu

532,407 mil toneladas de carne, um expressivo salto de 8,3%.

Os dados integram a Pesquisa Trimestral de Abate de Animais do IBGE, que mensura o total de cabeças abatidas e o peso das carcaças de bovinos, suínos e frangos sob fiscalização sanitária (federal, estadual ou municipal). A amostragem possui periodicidade trimestral, com informações discriminadas mês a mês. No segundo trimestre de 2026, o levantamento nacional baseou-se em dados fornecidos por 573 estabelecimentos, sendo 80 deles localizados no Paraná.